

Política

“VOTEI A CONTRAGOSTO ALGUNS DOCUMENTOS”

Entrevista a Júlia Caré

A DEPUTADA DO PS-M EM LISBOA RECORDA DIVERGÊNCIAS COM AS INDICAÇÕES DE SÓCRATES

SANDRA CARDOSO, em Lisboa
scardoso@dnoticias.pt

Uma aprendizagem com sabor a ilusão. É desta forma que a deputada madeirense eleita pelo PS na Assembleia da República (AR) resume o mandato que agora finda. Apesar das vicissitudes, a ex-sindicalista não está arrependida. “Aprendi muito”, revela, numa entrevista ao DIÁRIO, onde deixa no ar que pode não votar em Sócrates nas próximas legislativas, mas votará em Manuel Alegre para Presidente da República. As confissões da ‘enfant-terrible’.

Que balanço faz dos quatro anos como deputada? Como experiência foi bom. Se corresponde àquilo que eu idealizava? Não, mas se calhar eu é que estava errada. Se calhar eu é que tinha uma ideia romântica do desempenho e da envolvimento. No fundo, era ignorante sobre como é que as coisas se processam.

A grande desilusão tem a ver com o facto de as rotinas partidárias ‘castrarem’ as opiniões individuais? No fundo é o ritual, uma série de procedimentos que tornam o processo muito moroso, cheio de entraves. Não tinha a percepção da lentidão dos processos. Da concepção até à tomada de decisão, a própria discussão dos documentos, é um processo muito... acho que é excessivamente burocrático.

Esperava ser tão condicionada? Pensava que podia ter mais participação.

É por essas razões todas que a carreira política passa agora para segundo plano? Tenho uma visão da política que não se restringe a esta participação formal, que é muito importante, mas a Política com ‘P’ maiúsculo faz-se no dia-a-dia em todo e qualquer espaço e contexto em que a pessoa se encontra a todos os níveis.

E em que palco a vamos ver? O fu-

FF

ABAFEI A VOZ DA CONSCIÊNCIA E VOTEI A CONTRAGOSTO ATÉ GANHAR ALGUM ESTOFO

O PS-M VAI TER DE ENCONTRAR CAMINHO (...), SOB PENA DE SE EXTINGUIR

turo a Deus pertence. Da mesma maneira que nunca me tinha passado pela cabeça a ideia de vir um dia participar na AR, foi inesperado, mas o percurso de vida trouxe-me até aqui, já não faço planos. No entanto, vou continuar a me guiar pelos meus princípios e ideias, porque eles continuam lá - e se calhar nunca esses princípios foram tão necessários - em todos os níveis da minha vida.

Assumi desde logo que este seria um mandato único e há muito que anunciou a retirada. Nunca se colocou a hipótese de uma recandidatura? Essa intenção nunca dependeu de mim. A questão nunca foi posta, a minha meta sempre foram os quatro anos, até ver. Nunca pensei na continuidade.

Posso inferir que não houve uma conversa com a actual liderança do PS-M. Ainda pode haver? Não, mas o próprio líder já afirmou que tem a lista completa. A questão não se colocou, mas não me preocupa porque, honestamente, neste momento tenho muitas saudades de regressar à minha profissão. Não vejo sequer possibilidade de outra coisa que não seja voltar à escola.

Vai regressar à escola, onde terá de ser avaliada com os métodos que ‘chumbou’ enquanto deputada? Sim. Não sou contra a avaliação dos professores, nem tenho medo. Acho que o objectivo deve ser, contudo, a melhoria do desempenho dos docentes, que não nascem ensinados. Deve servir para detectar fragilidades e ajudar a ultrapassar deficiências para melhorar o sistema educativo e não se limitar à retenção/progressão na carreira. Devia-se aceitar as sugestões dos professores para melhorar o sistema, em vez disso burocratizou-se muito.

É também membro da Assembleia Municipal de Santa Cruz. É previsível que volte agora aos palcos políticos locais? Por agora prefiro fazer uma sabática, mas não posso prever. Já aprendi o ditado: ‘Nunca digas desta água não beberei’. Não faz parte dos meus planos, como nunca fez ser deputada nacional. As coisas foram surgindo e adquirindo importância em determinadas circunstâncias.

Acaba o mandato de deputada de

consciência tranquila? Não, tranquila não. Saio daqui com um sentimento de frustração. Aprendi uma lição, mas com a sensação de que poderia ter feito mais. Gostava de ter ido mais longe.

Ainda assim leva uma mão-cheia de experiências delicadas, em que até votou contra o partido? Pensou na possibilidade de se ver entre os seus princípios e o PS? Desde as primeiras semanas que os casos de consciência se me colocaram. Ao princípio, na fase de adaptação, em que a pessoa pensa qual é que é a suposta maneira de actuar, abafei a voz da consciência e votei a contragosto alguns documentos, até ganhar algum estof. Um factor que pesa muito é a solidão. Quando cheguei não conhecia ninguém, com excepção dos colegas da Madeira, e sentia-me mais confortável nos diplomas da Madeira, como a Lei das Finanças Regionais. A pouco e pouco e à medida que as questões estavam mais relacionadas com a educação, foram-se proporcionando afinidades com colegas e confesso que isso dá força.

A face mais visível do chamado ‘grupo dos dissidentes’ é Manuel Alegre... O contacto com Manuel Alegre foi um acaso. Apesar de sermos do mesmo grupo parlamentar, o conhecimento era muito superficial. No entanto, a primeira vez que não pude estar de acordo com o partido foi na Comissão de



Júlia Caré foi eleita deputada à Assembleia da República nas eleições legislativas nacionais do início de 2005. Foi como independente na lista de candidatos do PS-M, depois de Serrão e de Maximiano Martins.



Júlia Caré termina este ano o mandato em São Bento.

Educação, em 2007, numa proposta que nem subiu a plenário sobre o Estatuto da Carreira Docente. Esta primeira posição nem envolveu Manuel Alegre. Depois ainda houve a questão dos vínculos na administração pública, em que apresentámos duas declarações de voto e, em Julho passado, eu e mais três deputadas abstivemo-nos na Lei das Carreiras da Função Pública. Manuel Alegre aparece mais tarde.

Nunca foi, portanto, influenciada por este 'peso-pesado' socialista?

De maneira alguma. As tomadas de posição divergentes são ditadas pela minha consciência. Ajuda a existência de afinidades. A solidariedade diminui o desconforto, mas há sempre um desconforto.

De que forma é que isso a afecta na relação com o grupo parlamentar socialista? Sente-se tensão?

Sente-se. Há, ainda que irrelevante, um certo ostracismo, mas escolhemos entre a lealdade a nós próprios e a lealdade ao programa de Governo. Acontece que, de certa forma, até estamos a ser leais ao partido, uma vez que as nossas posições vão ao encontro de decisões anteriores de outros governos socialistas e nesse sentido é legítima. Na avaliação dos professores e no Código do Trabalho isso é flagrante.

Por outro lado, tem sido muitas vezes bombardeada, juntamente com Jacinto Serrão e Maximiano Martins,

com críticas do PSD-M, pela forma como vota diplomas da Madeira. Até já teve votos de protesto no parlamento regional...

É a vida e, aí, confesso, não esperava outra coisa. Não foi uma surpresa e, com todo o respeito, também é coisa que não me preocupa. Estou de consciência tranquila de que fiz o meu melhor na defesa do interesse dos madeirenses.

Como vê as dinâmicas entre Funchal e Lisboa? Acho que há excessiva retórica e instrumentalização de eventuais inimizades. Questiono-me se o clima de permanente guerrilha serve os interesses da Madeira. Não sei se o contencioso é real ou se não é mais uma fantasia. A quem é que isto serve? Acho, contudo, que as áreas que são exclusivamente responsabilidade do Estado deveriam merecer outra atenção, tendo em conta a instrumentalização regional desses mesmos problemas. A própria acção do PS-M, numa altura em que o PS é Governo no país, deveria ser outra. Esperava outra atitude, por exemplo, no caso do Centro Educativo da Madeira, cujas instalações estão prontas e a se deteriorarem perante a inércia. Não isento de culpas a administração regional, que tem um papel importante. A verdade é que esta falta de vontade política tem consequências para a população beneficiária.

Sente que há no continente algu-

ma incompreensão sobre as autonomias? Há um desconhecimento, uma incompreensão e por vezes indiferença. Infelizmente, encara-se já como parte do anedotário nacional e muito me custa lidar com isso.

Como vê o aparecimento de movimentos de cidadãos como o da sua freguesia, Gaula, nas autárquicas, e o de Manuel Alegre, nas presidenciais? É muito positivo. Aceito o argumento de que a participação política não deve estar circunscrita aos partidos e às práxis partidárias. Há pessoas que não se revêem em determinadas ortodoxias e esta é uma nova forma de defender causas e ajudar a resolver problemas.

Subscreve então Manuel Alegre quando este lamenta que a AR esteja vedada a grupos de cidadãos? Entendo. Em democracia, quanto maior o debate, melhor. Não há verdades acabadas nem dogmas indiscutíveis.

Sendo independente e como há um grupo de cidadãos independentes, que eram afectos ao PS, que nasceu na sua freguesia, é legítimo pensar que a sua participação política pode passar por este movimento? É claro que conheço o movimento Pelo Povo de Gaula, que se apresentou às eleições antecipadas na freguesia o ano passado. Numa terra pequena é muito difícil não termos relações de amizade e até de simpatia pelas pessoas que vivem perto de nós, mas a participação política é um acto de cidadania e nesse âmbito não tenho nada projectado. Prefiro pensar que a minha intervenção de cidadã é o mais importante.

Acha que José Sócrates precisa de uma nova maioria absoluta para continuar o projecto de governação? Prefiro deixar esta resposta aos portugueses. É o momento da avaliação e eles são os julgadores da obra.

Está confiante num bom resultado do PS-M nos actos eleitorais que aí vêm? Acho que a democracia é sinónimo de alternância. Exemplos de outros países e latitudes já provaram isso mesmo.

A Madeira precisa de alternância? Pessoas mais avalizadas que eu dizem que o modelo de desenvolvimento da Madeira está esgotado. A Região tem limitações para além do mar. Houve muito desenvolvimento, e não retiro o mérito. Há muitas estradas, túneis, marinas, um aeroporto, mas do ponto de vista social será que estamos bem? Não sei, quando vejo os jovens a terem que emigrar para fugir ao desemprego, a crise no sector hoteleiro, que é o nosso monoproduto. Não sei se percebo a estratégia, preocupo-me com o futuro.

Qual o papel do PS-M? Não há democracia sem partidos fortes, plurais, respeitados e aceites como indispensáveis. Já tivemos uma altura de partido único, mas nesse caso o regime tinha outro nome que não este. O PS-M vai ter de encontrar caminho e defender valores obrigatórios junto dos madeirenses, sob pena de extinguir.

Vai votar em José Sócrates nas próximas legislativas? Não vou responder... o voto é secreto.

E em Manuel Alegre para as presidenciais? Da outra vez votei em Manuel Alegre.

Vê com bons olhos esta candidatura? Sim, não só à presidência, como também a outros cargos.

VIVA O MUNDO EM ALTA DEFINIÇÃO COM A ZON BOX HD



ZON TVCABO

ZON BOX HD+DVR CABO

O mundo da televisão em alta definição. Grave todos os seus programas favoritos.

Ganhe uma ZON BOX GRÁTIS até 1 ano na compra de um LCD na FNAC Madeira

ZON MADEIRA



www.fnac.pt

Oferta da instalação da ZON BOX HD e ainda seis meses grátis no modelo HD+DVR (permite gravar programas) ou 12 meses grátis no modelo HD+

Campanha válida para clientes ZON Madeira, limitada ao stock existente, em exclusivo na loja FNAC (MadeiraShopping)